



Guy Ryder, diretor-geral da OIT, participou na sessão plenária, onde também esteve o ministro Vieira da Silva

Conferência antecipa o “futuro” do trabalho

●●● Mais de 300 estudantes portugueses e alguns brasileiros estão a participar na Universidade de Coimbra na primeira simulação em meio universitário de uma Conferência Internacional do Trabalho (CIT) na Europa.

Com a presença de Guy Ryder, diretor-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT) – responsável pela conferência, com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) e o Centro de Estudos Sociais (CES) –, a assembleia “magna” da entidade quase centenária [2019] prepara-se para apontar as grandes linhas que irão desenhar as relações laborais num futuro próximo. Porque, como ontem sublinhou o responsável, os participantes na conferência de Coimbra são “os arquitetos do futuro”.

No painel que, ontem, antecipou a sessão plenária, participaram, para além de Guy Ryder, José António



Coimbra acolhe a simulação em meio universitário da Conferência Internacional do Trabalho

- 1 Esta é a primeira vez que o evento se realiza na Europa
- 2 À primeira sessão plenária, segue-se o trabalho dos comités, a fechar a 30 de novembro com a apresentação das conclusões

Vieira da Silva, ministro do Trabalho, Teresa Pedroso de Lima, diretora da FEUC, Helena Machado, do CES, e João Gabriel Silva, reitor da UC. Manuel Carvalho da Silva,

coordenador do CES em Lisboa, moderou a sessão.

Com todos os diversos responsáveis da UC a reconhecerem a importância e a honra de acolher esta que é uma conferência “inédita”, coube a Carvalho da Silva lançar o “mote” para o debate: a necessidade de reafirmar, hoje, o “grito universal” de que o “trabalho não é uma mercadoria”, lançado numa conferência plenária realizada em maio de 1944.

À defesa do trabalho “digno”, avançada pelo ministro Vieira da Silva, juntou Guy Ryder a necessidade de garantir, acima de todas as discussões e compromissos, a “dignidade humana”.

O reitor da UC, assumindo-se “engenheiro” e logo “informático”, deixou um contributo (em forma interrogativa) para o debate: porque é que as máquinas, que substituem o trabalho humano, não pagam taxa social única? | **Lídia Pereira**